



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/05/2022 a 19/05/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
13/05/2022	17,23	406,40	88,34	11,67	7,94
16/05/2022	16,56	413,60	82,99	12,47	8,09
17/05/2022	16,78	411,80	83,49	12,77	8,00
18/05/2022	16,62	414,00	80,55	12,30	7,81
19/05/2022	16,90	425,30	79,53	12,00	7,83
Média	16,82	414,22	82,98	12,24	7,93

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	184,00	
RS – Não Me Toque	184,00	
RS – Londrina	178,00	
PR – Cascavel	179,00	
MT – C.N.Parecis	167,00	
MS – Maracaju	178,00	
GO - Rio Verde	171,00	
BA – L.E.Magalhães	170,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	94,00	CIF
Porto de Paranaguá	96,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	86,00	
PR – Cascavel	84,00	
PR – Londrina	82,00	
MT – C.N.Parecis	74,00	
MS – Maracaju	76,00	
SP – Itapetininga	88,00	
SP – Campinas	88,00	CIF
GO – Rio Verde	81,00	
GO – Jataí	81,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	110,00	
RS – Não Me Toque	110,00	
PR – Londrina	100,00	
PR – Cascavel	104,00	

Período: 18/05/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 19/05/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,23	185,98	105,39

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
19/05/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,60
Feijão (saco 60 Kg)	260,00
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,97
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,26**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,28

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja oscilaram bastante, mais uma vez, nesta semana em Chicago. No final, o fechamento da quinta-feira (19) ficou em US\$ 16,90/bushel, contra US\$ 16,60 uma semana antes. A registrar que o farelo de soja, após chegar a romper com o piso dos US\$ 400,00/tonelada curta, em Chicago, nas últimas semanas, subiu fortemente nesta quinta-feira, 19/05, atingindo a US\$ 425,30, enquanto o óleo acabou recuando nesta semana, rompendo o piso dos 80 centavos de dólar por libra-peso, ao fechar o dia 19/05 em 79,53 centavos, no primeiro mês cotado, valor que não era visto nos últimos 30 dias.

O mercado continua muito atento ao comportamento do clima nas regiões produtoras dos EUA, onde o plantio ainda está abaixo da média histórica para esta época. Além disso, a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, e os lockdowns na China, devido aos novos surtos de Covid, igualmente são pontos de preocupação. No caso chinês, circulam informações que a economia chinesa voltaria a abrir, mesmo que parcialmente, a partir de 1º de junho, porém, não há informações oficiais a respeito.

No que diz respeito ao plantio da nova safra nos EUA, até o dia 15/05 o mesmo atingia a 30% da área esperada, contra 58% na mesma época do ano passado e 39% na média histórica. Cerca de 9% das lavouras já haviam germinado naquela data, contra 12% na média histórica para a data.

Por sua vez, na Índia, as importações de óleo de palma subiram 6% em abril, sobre março, devido a elevação de preço dos óleos concorrentes de soja e girassol. Em abril, as importações indianas de óleo de palma somaram 572.508 toneladas, enquanto as de óleo de girassol recuaram para 54.426 toneladas (menos cerca de 75% em relação a março). Já as compras externas de soja recuaram perto de 9% no período, ficando em 273.151 toneladas em abril. Em maio espera-se um recuo igualmente do óleo de palma, pois a Indonésia proibiu suas exportações do produto.

Dito isso, em termos do grão de soja, tem-se que a soja dos EUA, no momento, está entre 10 a 20 centavos de dólar por bushel mais barata que a brasileira, para embarques a partir de agosto próximo. Já entre junho e julho a soja brasileira é mais barata. Neste contexto, a China ainda precisa comprar 10 milhões de toneladas de soja para embarques entre julho e setembro. (cf. Agrinvest Commodities)

É bom lembrar que, neste ano, as compras chinesas de soja estão em ritmo mais lento, e mais dividida entre Brasil e EUA devido a quebra da última safra brasileira. Assim, as compras da China nos Estados Unidos, para o ano comercial 2022/23, estão mais fortes do que há um ano. De forma geral, a julgar pelo último relatório de oferta e demanda do USDA, as importações de soja por parte da China tendem a ser as mais elevadas desde 2019/20, pois a peste suína africana estaria bem mais controlada no país asiático neste momento.

E aqui no Brasil, com o câmbio voltando abaixo dos R\$ 5,00 por dólar, ao trabalhar na última metade da semana entre R\$ 4,95 e R\$ 5,00, os preços praticamente se estabilizaram, pois houve melhoria dos prêmios nos portos nacionais e a manutenção de cotações elevadas em Chicago. Mesmo assim, a média gaúcha no balcão recuou

um pouco, ficando em R\$ 185,98/saco, enquanto nas demais praças o saco do produto oscilou entre R\$ 167,00 e R\$ 179,00/saco.

Houve revisão no potencial exportador de soja pelo Brasil, neste ano, com o mesmo ficando, agora, em 74,5 milhões de toneladas, contra 86,1 milhões em 2021. Com isso, haverá um recuo de 13% neste ano sobre o ano anterior. Em fevereiro esperava-se vendas externas de 78 milhões de toneladas. Já o esmagamento de soja ficaria em 47,9 milhões em 2022, enquanto nosso país deverá ainda importar 1,1 milhão de toneladas de soja, ou seja, 27% acima do que foi importado em 2021. A oferta total de soja, no Brasil, no corrente ano deverá cair 10%, ficando em 127,95 milhões de toneladas. A demanda total está projetada em 125,4 milhões, recuando 9% sobre 2021, fato que coloca os estoques finais brasileiros em recuo de 44% neste ano, chegando a 2,55 milhões de toneladas. Em termos de farelo de soja, espera-se uma produção de 36,87 milhões de toneladas, praticamente repetindo o ano anterior. As exportações deverão subir 6% para 18,2 milhões de toneladas, enquanto o consumo interno está projetado em 18,3 milhões, caindo 5%. Os estoques deste subproduto deverão subir 20%, ficando em 2,25 milhões de toneladas. Já em óleo de soja a produção deverá aumentar 1%, para 9,73 milhões de toneladas. O Brasil deverá exportar 1,85 milhão de toneladas, com ganho de 12% sobre o ano anterior. O consumo interno deve subir 1%, para 8 milhões de toneladas. O uso para biodiesel deve baixar 2%, para 4,1 milhões de toneladas. A previsão é de estoques finais de óleo de soja recuando 12%, ficando em 583.000 toneladas aqui no país. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, a Anec projeta, para maio, exportações de soja pelo Brasil em um total de 11,5 milhões de toneladas, aumentando em quase um milhão de toneladas a estimativa feita na semana anterior. Já os embarques de milho devem alcançar 1,26 milhão de toneladas neste mês, em comparação com 927.209 toneladas estimadas na semana anterior. Enfim, ainda segundo a Anec, a exportação de farelo de soja pelo Brasil chegaria, agora, a 2 milhões de toneladas. A Associação ainda estima que, em maio, nosso país exportará 104.720 toneladas de trigo.

Vale ainda apontar que a Cargill anunciou, nesta semana, que projeta construir uma nova unidade de processamento de soja no Estado do Missouri (EUA). A referida instalação terá capacidade de produção anual para 62 milhões de bushels de soja. O início do projeto foi antecipado para o próximo ano e a expectativa é que a operação comece em 2026. A mesma estará localizada às margens do rio Mississippi, devendo funcionar durante todo o ano. O Estado do Missouri, atualmente, é o sexto em produção de soja nos Estados Unidos, sendo que a Cargill está presente na região desde 1936. (cf. Notícias Agrícolas)

Enfim, estudo da Fecoagro, divulgado na semana passada, apontou que, para a futura safra gaúcha de soja, 2022/23, o produtor terá que pagar o fertilizante com um preço 103,4% maior do que na última safra. Somente para cobrir este custo o produtor gaúcho precisará de 13,3 sacos de soja por hectare, contra 7,9 sacos na safra anterior, a partir do preço médio de março passado. Somente entre fevereiro e março do corrente ano, o fertilizante subiu 29,6%, puxado pelos efeitos da guerra da Rússia contra a Ucrânia. Assim, em relação às importações deste insumo, o efeito negativo da guerra, até o momento, retirou o ganho que se obtém com a valorização do Real sobre o dólar, nestes primeiros meses do ano. Em termos de rentabilidade final, a tendência, segundo a entidade, é de uma queda de 20,4% na soja na próxima safra. E para cobrir

os custos totais da soja será necessário 32,8% a mais de produto, ou seja, 38,6 sacos/hectare, enquanto para os custos variáveis será preciso 26,8 sacos/hectare.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram no final da presente semana, rompendo novamente o piso dos US\$ 8,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (19), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 7,83/bushel, contra US\$ 8,13 uma semana antes.

O clima nos EUA continua preocupando o mercado na medida em que, até o dia 15/05, o plantio do cereal chegava a 49% da área esperada, contra 78% na safra passada, nesta época, e 67% na média histórica. Até a citada data, 14% das lavouras haviam emergido, contra 32% na média histórica. Além disso, a continuidade da guerra no Leste Europeu continua a causar apreensões quanto a oferta do cereal.

Aqui no Brasil, os preços médios se mantiveram relativamente estáveis, com variações pontuais, ainda se mantendo em níveis importantes. A preocupação com a frente fria, trazida pelo ciclone que chegou nesta semana no litoral sulbrasileiro, acabou se dissipando, pois o frio, salvo em regiões muito específicas, não trouxe as geadas previstas.

Assim, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 85,23/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 74,00 e R\$ 88,00/saco. Já na B3, o pregão da quarta-feira (18) encerrou com o contrato julho recuando para R\$ 93,60/saco, enquanto setembro ficou em R\$ 96,15. As previsões mais amenas em relação a possibilidade de geadas sobre as lavouras da safrinha, no centro-sul do país, afrouxaram a tensão altista junto às cotações. Havia receio de que as geadas, se ocorressem, levariam a uma perda de 5 milhões de toneladas na região.

Em contrapartida, continua havendo preocupação quanto a falta de chuvas em determinadas regiões do Sudeste e Centro-Oeste. Os produtores paulistas se encontram particularmente em tal situação, embora as projeções ainda apontem uma colheita total de milho ao redor de 4 milhões de toneladas, ou seja, 23,1% acima do obtido no ano anterior (1,9 milhão na safra de verão e 2,1 milhões na safrinha).

Dito isso, a produção de milho, na safrinha brasileira 2021/22, deverá atingir a 87,6 milhões de toneladas, já registrando um recuo de 4,6 milhões em relação as previsões iniciais. Com isso, a produção total de milho no país, no atual ano comercial, ficaria em 113 milhões de toneladas, já que a safra de verão foi revista para cima, tendo ficado em 25,4 milhões de toneladas. (cf. Agroconsult)

Por sua vez, a Aprosoja do Mato Grosso anuncia que a safrinha de milho daquele Estado deverá registrar uma perda de 4 milhões de toneladas neste ano, pois a estiagem prolongada já afetou mais de 10% da produção inicialmente prevista. Algumas lavouras estão até 50 dias sem chuva significativa ou com um volume abaixo de 10 mm.

Enfim, no Rio Grande do Sul, a Fecoagro divulgou estudos informando que a safra 2022/23 de milho terá um recuo de 50,2% na rentabilidade, devido ao forte aumento

nos custos de produção, mesmo que os preços se mantenham nos atuais níveis. Para cobrir todos os custos de produção da lavoura de milho, o produtor gaúcho terá que produzir 55,8% a mais do que na safra anterior. Ou seja, precisará colher 117,3 sacos/hectare. Somente os custos variáveis exigiriam uma produtividade mínima de 88,6 sacos/hectare. Apenas o gasto com fertilizantes, entre fevereiro e março do corrente ano, subiu 30,6%, e nos últimos 12 meses 91,5%.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a subir nesta semana, chegando a bater, para o primeiro mês cotado, em US\$ 12,77/bushel no dia 17/05, a mais alta cotação desde o início de março, e próxima do recorde histórico para o cereal naquela Bolsa. Posteriormente houve recuo, com o fechamento desta quinta-feira (19) ficando em US\$ 12,00/bushel, contra US\$ 11,74 uma semana antes.

A continuidade do conflito no Leste Europeu e, particularmente, o clima nos EUA, têm pesado sobre os preços mundiais. De fato, continua havendo forte atraso no plantio do trigo de primavera no país da América do Norte. Até o dia 15/05 o mesmo atingia a 39% da área esperada, contra 83% um ano antes e 67% na média histórica. Naquela data, 16% das lavouras haviam germinado, contra a média histórica de 30% para a data. Já o índice de lavouras de trigo de inverno em boas a excelentes condições, nos EUA, voltou a recuar, ficando em 27% do total, contra 48% um ano antes.

Por sua vez, a colheita de trigo na Argentina, para o ano 2022/23, está projetada em 19 milhões de toneladas, ou seja, abaixo das 22,1 milhões colhidas nesta última safra, segundo a Bolsa de Cereais de Rosário. Para a soja deste ano, em fase de colheita, a Bolsa estima uma colheita de 41,2 milhões de toneladas, e para o milho 49,2 milhões.

Os argentinos esperam uma área de trigo, para 2022/23, de 6,35 milhões de hectares, ou seja, em recuo de 550.000 hectares em relação ao ano anterior. O vizinho país teme um novo La Niña sobre suas lavouras neste novo ano comercial. Seria o terceiro consecutivo caso se confirme. Isso serve de alerta para os produtores do sul do Brasil.

Por outro lado, na Índia a proibição de exportação de trigo acabou segurando 1,8 milhão de toneladas do cereal nos portos daquele país, trazendo grandes perdas aos comerciantes locais. Como comentamos no boletim anterior, o anúncio foi feito após uma onda de calor reduzir a produção, elevando os preços domésticos a recordes na Índia. Somente exportações lastreadas em cartas de crédito (LCs), emitidas antes de 13 de maio, puderam prosseguir antes de a proibição entrar em vigor. Esse é um dos motivos da disparada das cotações do trigo em Chicago nestes últimos dias, pois os compradores mundiais de trigo estavam contando com o produto indiano para substituir o trigo vindo do Mar Negro, bloqueado, em boa parte, pela guerra entre Rússia e Ucrânia.

Dito isso, a Rússia, um dos maiores exportadores de trigo do mundo, deverá embarcar mais grãos no novo ano comercial julho/22 a junho/23. Isso se deve a uma grande colheita e estoques elevados. Todavia, é bom lembrar que a Rússia limita suas exportações com impostos e uma cota de exportação desde 2021, em meio a esforços para desacelerar a inflação doméstica de alimentos. O volume de trigo a ser exportado,

no novo ano comercial, deverá atingir entre 39 a 41 milhões de toneladas, contra 32,5 milhões no corrente ano. Os russos deverão colher entre 85 e 88,6 milhões de toneladas de trigo neste ano, contra 76 milhões em 2021. Em isso tudo ocorrendo, estima-se que a oferta russa responderá por mais de 20% do comércio global de trigo em 2022/23. (cf. Sovecon)

Já no Brasil os preços do trigo voltaram a subir, especialmente no Rio Grande do Sul, onde a média semanal fechou em R\$ 105,39/saco, sendo que as principais praças produtoras pagavam até R\$ 110,00/saco. No Paraná, os preços oscilaram entre R\$ 100,00 e R\$ 104,00/saco.

Segundo o Cepea/Esalq, a média de preços na primeira quinzena de maio, no Rio Grande do Sul, atingiu o seu recorde em valores reais, ou seja, já deflacionados. Já no Paraná, Santa Catarina e São Paulo as médias mensais são as maiores desde 2013, em termos reais. Em valores nominais, os preços atuais do trigo são recordes históricos. E isso ocorre mesmo com o anúncio de um aumento na área a ser semeada na atual safra brasileira. O impulso maior vem das cotações externas e da menor oferta argentina.

Neste contexto, não se pode descartar a possibilidade de os preços do trigo, no Brasil, permanecerem em patamares historicamente elevados até o início da próxima colheita, em setembro.

Enquanto isso, dados divulgados, na corrente semana, pela Anec, projetam que o Brasil poderá exportar 103.719 toneladas de trigo ao longo do mês de maio. Em maio do ano passado, o Brasil não realizou embarques. Em abril de 2022, os embarques do cereal somaram 156.427 toneladas. No acumulado de 2022, os embarques já atingem 2,39 milhões de toneladas.

Já, pelo último boletim da Conab, a área com trigo no Rio Grande do Sul deverá aumentar em 9,7% nesta atual safra, chegando a 1,27 milhão de hectares. Mas o custo de produção será bem maior. Estudo da Fecoagro, divulgado na semana passada, mostra que tal custo, para o trigo gaúcho, subiu 51,7% nesta atual safra, em relação a safra do ano passado. Isso exigirá uma produtividade normal e mesmo assim haverá perda de rentabilidade para o produtor gaúcho, já que o preço médio, mesmo com o forte aumento registrado nos últimos dias, nos últimos 12 meses subiu “apenas” 26,2%.

Enfim, a Abitrigo considerou positiva a isenção do imposto de importação sobre trigo importado de fora do Mercosul, anunciada no dia 11 de maio pela Câmara de Comércio Exterior brasileira (Camex). A medida é válida até 31 de dezembro. Trigo de qualquer origem poderá ser importado sem tarifa de importação. O preço pago pelo cereal no exterior, de fora do Mercosul, vai ser reduzido em 9% (taxa do imposto). Atualmente, a indústria moageira importa entre 50% e 60% do volume consumido no País, de cerca de 12 milhões de toneladas anuais. Tal situação pode aliviar um pouco a pressão sobre os preços do cereal e sobre a inflação junto à população, desde que os importadores e indústrias repassem o ganho ao consumidor final. Tanto é verdade que a própria Abitrigo admite o efeito limitado da medida, já que os preços internacionais do cereal estão em patamares elevados como reflexo da guerra, com tendência de que continuem sustentados no curto e médio e prazo. Assim, a isenção alivia um pouco o

custo do cereal adquirido no exterior, mas o preço do trigo continua elevado. (cf. Broadcast) Ou seja, os importadores do produto de fora do Mercosul terão ganhos, mas o efeito sobre a inflação nacional tende a ser muito pequeno ou mesmo nulo.